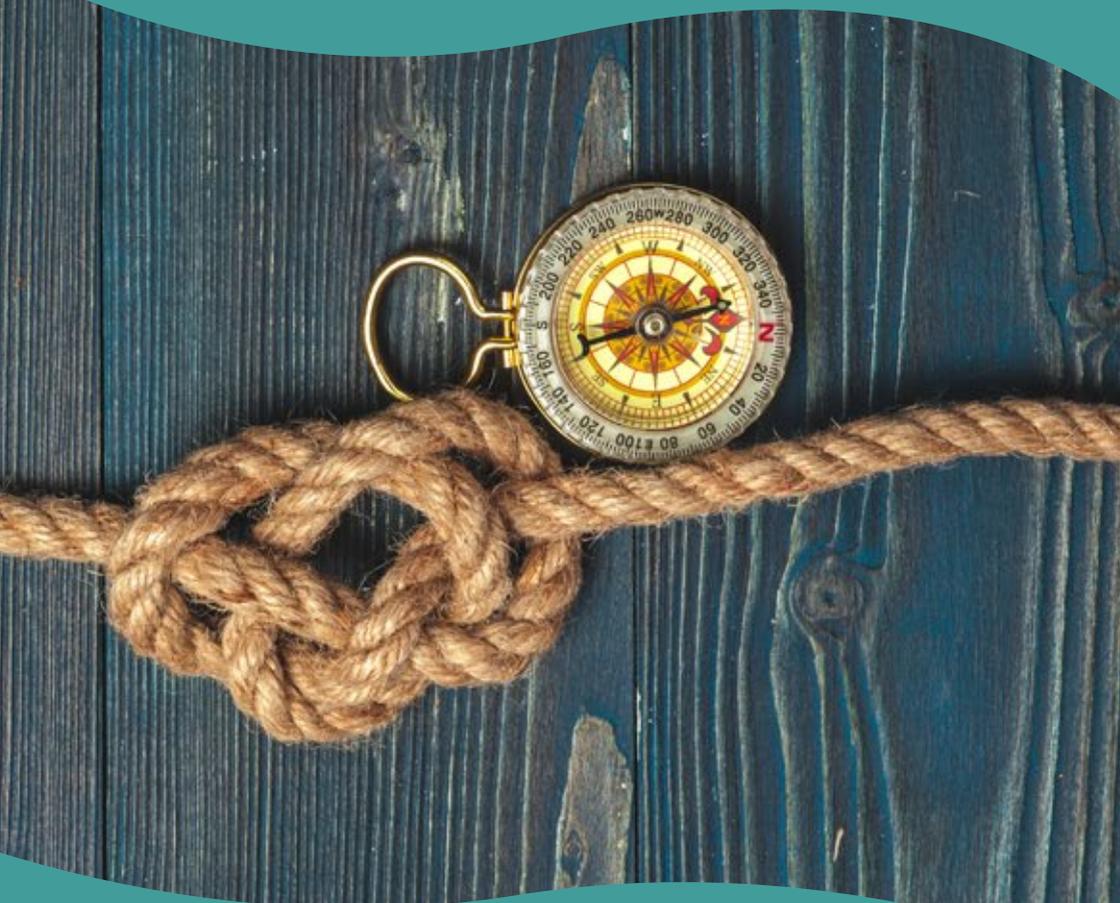


Guia de Boas Práticas e de Valores Naturais da Ria Formosa



Guia de Boas Práticas e de Valores Naturais da Ria Formosa

Para Operadores Marítimo-Turísticos no Parque Natural da Ria Formosa

1. Enquadramento

- 1.1. O porquê do Projeto LIFE Ilhas Barreira 3
- 1.2. Guia de Boas Práticas e de Valores Naturais da Ria Formosa, para Operadores Marítimo-turísticos na área do Parque Natural da Ria Formosa..... 5

2. Legislação

- 2.1. Legislação aplicável aos operadores turísticos na área do PNRF 5
- 2.2. Atividades de animação turística desenvolvidas no Sistema Nacional de Áreas Classificadas (SNAC) 6
- 2.3. Código de conduta das empresas de turismo de natureza 7
- 2.4. Boas práticas ambientais 9

3. Valores Naturais da Ria Formosa

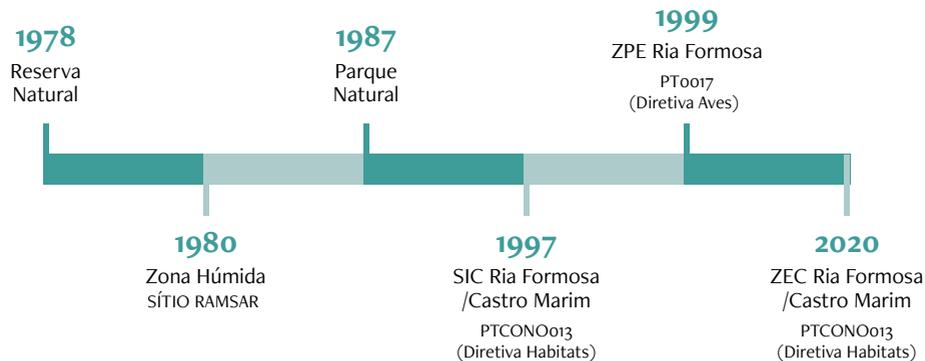
- 3.1. O Parque Natural da Ria Formosa 10
- 3.2. A laguna e as ilhas barreira 11
- 3.3. Flora de sapal 12
- 3.4. Flora dunar 18
- 3.5. Avifauna 28

O porquê do Projeto LIFE Ilhas Barreira

O sistema de ilhas barreira do sistema lagunar da Ria Formosa é único em Portugal. A singularidade e diversidade de fauna e flora que possui torna-o de tal forma ímpar que foi classificado como Reserva Natural em 1978 e depois reclassificado para Parque Natural em 1987 (Decreto-Lei n.º 373/87, de

9 de dezembro). A sua importância também é reconhecida a nível internacional (Sítio Ramsar - zona húmida e *Important Bird Area* (IBA - Zonas Importantes para as Aves) e Europeu através da Rede Natura 2000 (Sítio de Importância Comunitária- SIC - e Zona de Proteção Especial - ZPE).

Reconhecimento / Classificações



Outros

Sítios Geminados Europeus – geminado com Domaine de Certes, Le Teich (França)
IBA - Ria Formosa (PT033) e Ria Formosa – Oceânica (PTM04)

A sua singularidade traz também uma grande fragilidade, embora esta seja difícil de ser observada. Este sistema é dinâmico e o Homem tenta dominá-lo, seja com a fixação de barras ou com

a instalação de habitações permanentes que vão impedir este complexo sistema de ilhas e barras de se movimentar e adaptar às alterações que vai sofrendo.

1. Enquadramento

O projeto LIFE Ilhas Barreira pretende compreender parte desta fragilidade, estudando a dinâmica das dunas na ilha Deserta. Estas dunas são das mais antigas e resilientes da Ria Formosa, mas estão a sofrer pressões e são estas que pretendemos identificar, compreender e finalmente empreender medidas de recuperação em todas as ilhas barreira da Ria Formosa.

Entre as aves marinhas que aqui podemos encontrar, duas espécies são muito especiais – a chilreta e a gaivota-de-audouin. A primeira espécie tem a sua maior colónia portuguesa nesta área protegida e a segunda tem na ilha Deserta a única colónia em Portugal. Para além de serem espécies com estatuto de conservação elevado, o facto de estarem dependentes deste sistema aumenta a nossa responsabilidade em preservá-lo. Daí terem sido identificadas como espécies-alvo deste projeto LIFE, em que inúmeras tarefas visam a sua proteção: o mapeamento e remoção de espécies de plantas exóticas invasoras e de predadores; a sinalização de zonas de reprodução de aves marinhas, assim como estudos para melhor compreender o seu comportamento, reprodução, distribuição e alimentação.

Ao largo das ilhas barreira uma ave marinha difícil de identificar - a pardela-baleare - pode ser observada sobretudo entre maio e novembro, mas encontra-se muito ameaçada. É uma ave que só se reproduz nas Ilhas Baleares, sujeita a vários constrangimentos na época de reprodução, o que já de si a torna vulnerável. Uma das suas estratégias para procurar alimento é “perseguir” os barcos de

pesca, para procurar peixe nas redes, o que a torna alvo de captura acidental. Neste projeto iremos identificar e avaliar métodos de afastar esta e outras aves marinhas das artes de pesca, ajudando a diminuir a sua mortalidade.

O crescente reconhecimento e sensibilidade da sociedade sobre as aves e a sua importância têm levado a que um maior número de indivíduos debilitados ou feridos sejam encaminhados para o RIAS - Centro de Recuperação de Animais Selvagens e, as aves marinhas são um dos principais grupos de aves que este Centro recebe. Pretende-se com o projeto LIFE melhorar as instalações deste Centro, adequando a resposta de tratamento a aves marinhas e potenciando a capacidade de sobrevivência das mesmas.

A Ria Formosa é sinónimo de Vida. Mariscadores, pescadores, salicutores, investigadores, operadores de transporte e toda uma indústria de lazer - operadores turísticos, restaurantes, lojas de comércio local - assentam a sua atividade sobre os recursos naturais da Ria (paisagem, fauna, flora, praia, canais e esteiros, áreas de intermareal/viveiros, bancos naturais de moluscos).

Mas as ameaças a estes recursos (apanhas ilegais, artes de pesca ilegal como o arrasto de vara, perturbação de fauna, perturbação de aves em reprodução, destruição de vegetação dunar...) são muitas e o estatuto de Área Protegida não é suficiente para preservá-los sem que cada um de nós se responsabilize pelos seus comportamentos.

Guia de Boas Práticas e de Valores Naturais da Ria Formosa

para Operadores Marítimo-turísticos na área do Parque Natural da Ria Formosa

Este Guia de Boas Práticas, elaborado no âmbito do Projeto LIFE Ilhas Barreira, pretende ser uma ferramenta adicional para as empresas marítimo-turísticas a operar na área do Parque Natural da Ria Formosa. Pretende que as Boas Práticas sejam facilmente compreendidas e aplicadas, de modo que os serviços fornecidos sejam cada vez melhores, visando a qualidade que esta Área Protegida merece e a preservação dos recursos naturais locais, tendo em vista as próximas gerações.

Aqui poderá encontrar a legislação atualmente em vigor e o Código de Conduta, ambos essenciais para operar em áreas protegidas, em especial na Ria Formosa e áreas marinhas envolventes. Disponibilizamos também informação sobre a fauna e flora desta Área Protegida, não de uma forma exaustiva, mas procurando abordar as espécies mais emblemáticas do Parque, as mais procuradas e as que podemos identificar com alguma facilidade, de modo que os guias de passeios de interpretação da natureza possam fornecer informação fidedigna aos seus clientes.

Legislação aplicável aos operadores turísticos na área do PNRF

» Decreto-Lei n.º 108/2009, de 15 de maio – regula as condições de acesso e de exercício da atividade das empresas de animação turística e dos operadores marítimo-turísticos, alterado pelo Decreto-Lei n.º 95/2013, e pelo Decreto-Lei n.º 186/2015, de 3 de setembro.

» Portaria n.º 651/2009, de 12 de junho – define o Código de Conduta a adotar pelas empresas de animação turística e dos operadores marítimos-turísticos que exerçam atividades reconhecidas como turismo de natureza e o logótipo que os identifica.

2. Legislação

» Decreto-Lei n.º 149/2014, de 10 de outubro - aprova o Regulamento das Embarcações Utilizadas na Atividade Marítimo-Turística.

» Resolução de Conselho de Ministros n.º 103/2005, de 27 de junho - aprova o Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC), alterada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 65/2016, de 19 de outubro.

» Resolução de Conselho de Ministros n.º 78/2009, de 2 de setembro - publica o Plano de Ordenamento do Parque Natural da Ria Formosa /POPNR.

» Decreto-Lei n.º 9/2006, de 6 de janeiro - aprova e publica o Regulamento da Atividade de Observação de Cetáceos nas Águas de Portugal Continental.

MAIS INFORMAÇÃO EM:

www.icnf.pt/turismodenatureza/tnenquadramentolegal

2.2

Atividades de animação turística desenvolvidas no Sistema Nacional de Áreas Classificadas (SNAC)

O exercício de atividades de animação turística no território do Parque Natural da Ria Formosa depende do seu reconhecimento como Turismo de Natureza. Este reconhecimento, obrigatório, deve ser solicitado na plataforma do registo RNAAT (Registo Nacional dos Agentes de Animação Turística), conforme estabelecido no Decreto-Lei n.º 108/2009, de 15 de maio.

O reconhecimento de atividades em Turismo de Natureza implica a adesão ao Código de Conduta das Empresas de Turismo de Natureza. Este código de conduta é obrigatório, também, para associações, fundações, mise-

ricórdias, mutualidades, instituições privadas de solidariedade social, institutos públicos, clubes e associações desportivas, associações ambientalistas, associações juvenis e entidades análogas que exerçam ou pretendam exercer atividades na Rede Nacional de Áreas Protegidas.

As empresas recebem o Selo de Turismo de Natureza e ficam comprometidas com a prática de atividades de forma responsável, em respeito pelos valores naturais do território que sustentam a sua atividade.



Código de conduta

das empresas de turismo de natureza

Portaria nº n.º 651/2009, de 12 de junho

I - Responsabilidade empresarial.

As empresas organizadoras de atividades de turismo de natureza:

1. São responsáveis pelo comportamento dos seus clientes no decurso das atividades de turismo de natureza que desenvolvam, cabendo-lhes garantir, através da informação fornecida no início da atividade e do acompanhamento do grupo, que as boas práticas ambientais são cumpridas;

2. Sempre que os seus programas tenham lugar dentro de áreas protegidas, devem cumprir as condicionantes expressas nas respetivas cartas de desporto de natureza, planos de ordenamento e outros regulamentos, nomeadamente no que respeita às atividades permitidas, cargas, locais e épocas do ano aconselhadas para a sua realização;

3. Devem respeitar a propriedade privada, pedindo autorização aos proprietários para o atravessamento e ou utilização das suas propriedades e certificando-se de que todas as suas recomendações são cumpridas, nomeadamente no que respeita à abertura e fecho de cancelas;

4. Na conceção das suas atividades devem certificar-se de que a sua realização no terreno respeita integralmente os habitantes locais, os seus modos de vida, tradições, bens e recursos;

5. Devem assegurar que os técnicos responsáveis pelo acompanhamento de grupos em espaços naturais têm a adequada formação e perfil para o desempenho desta função e perfil para o desempenho desta função, quer ao nível da informação sobre os recursos naturais e os princípios da sua conservação, quer ao nível da gestão e animação de grupos;

6. São corresponsáveis pela salvaguarda e proteção dos recursos naturais devendo, quando operam nas áreas protegidas e outros espaços naturais, informar o ICNB, I. P., ou outras autoridades com responsabilidades na proteção do ambiente, sobre todas as situações anómalas detetadas nestes espaços;

7. São agentes diretos da sustentabilidade das áreas protegidas e outros espaços com valores naturais devendo, sempre que possível, utilizar e promover os serviços, cultura e produtos locais;

8. Devem atuar com cortesia para com outros visitantes e grupos que se encontrem nos mesmos locais, permitindo que todos possam desfrutar do património natural.

II - Boas práticas ambientais

Em todas as atividades de turismo de natureza:

1. Devem ser evitados ruídos e perturbação da vida selvagem, especialmente em locais de abrigo e reprodução;
2. A observação da fauna deve fazer-se à distância e, de preferência, com binóculos ou outro equipamento ótico apropriado;
3. Não devem ser deixados alimentos no campo, nem fornecidos alimentos aos animais selvagens;
4. Não devem recolher-se animais, plantas, cogumelos ou amostras geológicas;
5. Quando forem encontrados animais selvagens feridos estes devem, sempre que possível, ser recolhidos e entregues ao ICNB, I. P., ou ao Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente da Guarda Nacional Republicana (SEPNA), ou a situação reportada aos referidos organismos, para encaminhamento para centros de recuperação ou outros locais de acolhimento adequados;
6. Os acidentes ou transgressões ambientais detetados devem ser prontamente comunicados ao serviço SOS Ambiente e Território, ao ICNB, I. P., ou ao SEPNA;
7. O lixo e resíduos produzidos devem ser recolhidos e depositados nos locais apropriados;
8. Só deverá fazer-se lume nos locais autorizados para o efeito;
9. Seja qual for a natureza da atividade, todas as deslocações que lhe são inerentes devem utilizar caminhos e veredas existentes;
10. A sinalização deve ser respeitada.

Boas práticas ambientais

Na prática, o que sustenta as atividades económicas de Turismo de Natureza são os valores naturais, paisagísticos e modos de vida tradicionais presentes no território.

A perda desses valores representa não só perdas ambientais, mas também perdas económicas e sociais e, por esse motivo, a aposta neste tipo de turismo deve ser reforçada valorizando e potenciando a preservação destes valores. O carácter diferenciador é uma mais-valia que as empresas

que trabalham neste sector devem considerar, pois é isso que torna a Ria Formosa no *ex-libris* do Algarve e que lhe confere a sua unicidade.

A promoção de boas práticas associadas ao Turismo de Natureza possibilita a sustentabilidade da atividade. A consciencialização ambiental de colaboradores e clientes permite fornecer um serviço de valor acrescentado, sendo este um fator diferenciador na apresentação destas empresas.

Boas práticas a promover:

- » Respeite os modos de vida e tradições locais
- » Respeite os habitantes locais
- » Evite barulho e atitudes que perturbem a paz local
- » Mantenha a distância dos animais, não os alimente, observe-os com binóculos
- » Não apanhe plantas, nem recolha amostras geológicas, deixe que os outros visitantes também possam contemplar a sua riqueza
- » Tire apenas fotografias, elas funcionam como memória dos bons momentos passados e registam a beleza da paisagem
- » Respeite a sinalização da Área Protegida
- » Os percursos devem ser utilizados por pequenos grupos de cada vez, o excesso de visitantes pode causar a erosão dos mesmos e a destruição da vegetação
- » Não faça lume, use lanternas e traga roupa para se aquecer
- » Cada visitante é responsável pelo lixo e detritos produzidos, deposite-os nos locais apropriados
- » Passeie o seu cão com trela
- » Nas dunas caminhe sobre os passadiços
- » Acampe apenas nos locais autorizados

O Parque Natural da Ria Formosa

A Área Protegida foi criada em 1978 como Reserva Natural (Decreto-Lei n.º 45/78, de 2 de maio), tendo sido reclassificada como Parque Natural em 1987 (Decreto-Lei n.º 373/87, de 9 de dezembro), por esta classificação ir ao encontro da exploração dos recursos naturais existentes neste sistema lagunar. Curiosamente, a Ria Formosa não é uma verdadeira ria,

mas sim um sistema lagunar, espaço de transição entre o meio marinho e o meio terrestre. O nome Ria foi adotado por ser o nome que a população dava a esta formação e também constante em inúmera cartografia. Consoante o local, o nome alterava: “Ria de Faro”, “Ria de Olhão”, “Ria de Tavira”. O *Formosa* foi escolhido porque definia a beleza deste sistema.



A longa faixa de ilhas barreira e de penínsulas estende-se ao longo de aproximadamente 60 km, protegendo um complexo sistema de sapais, canais, bancos de vasa e areia, lagoas de água salobra, salinas, pisciculturas, cursos de água doce com vegetação ribeirinha, matos mediterrâneos e pinhais litorais.

Os valores naturais e paisagísticos são inúmeros, mas destacam-se as funções que

este sistema desempenha, como: o controlo de inundações, a manutenção dos lençóis freáticos, da linha de costa e a proteção contra tempestades, a retenção de sedimentos e nutrientes e a purificação da água e a mitigação de alterações climáticas. Ao modificarmos o funcionamento natural das Zonas Húmidas, alteramos as suas potencialidades ecológicas e económicas, com perdas irreparáveis para toda a comunidade que dela depende, humana e não humana.

A laguna e as ilhas barreira

A Ria Formosa é a mais importante Zona Húmida no Sul do País, compreende uma longa faixa de ilhas barreira e penínsulas, começando na Península do Ancão a Oeste, seguindo-se a ilha Deserta, a ilha da Culatra, a ilha da Armona, a ilha de Tavira, a ilha de Cabanas e a Penínsu-

la de Cacela a Este; a separá-las existem cinco barras, duas fixas: a de Faro-Olhão e a de Tavira, e três móveis: barra de S. Luís/Barrinha, barra da Armona/Grande e barra do Lacém/Cacela. O sistema dunar protege a zona lagunar e a faixa terrestre do avanço do mar.



O sapal e a sua flora

O sapal é constituído por um tipo de vegetação muito específico que é influenciado pelas marés, uma vez que as plantas ficam parcialmente submersas em cada ciclo de maré. Estas plantas, chamadas halófitas, adaptaram-se de modo a terem folhas mais suculentas e de tamanho reduzido, revestidas com pelos secretores de sal. Os sapais são considerados uma das zonas mais produtivas da biosfera, recebem um constante fluxo de nutrientes trazidos pelas marés, pelos sedimentos oriundos do continente e pelos seres vivos que o habitam, que nele se fixam, vivem e ali morrem. A baixa profundidade permite uma elevada atividade fotossintética que, aliada a uma temperatura favorável, permite o desenvolvimento de inúmeros organismos marinhos. As águas calmas e a vegetação fornecem abrigo,

tornando esta zona uma maternidade e *nursery* ('infantário') por excelência, da qual depende a abundância de peixes, moluscos e crustáceos das águas costeiras. Outro aspeto relevante do sapal é a ação depuradora da sua vegetação, como resultado da grande capacidade de absorção e fixação de metais pesados, muitos dos quais são tóxicos para outros seres vivos.

Outras espécies também beneficiam desta produtividade - as aves residentes que aqui permanecem ao longo do ano, as migradoras que usam os sapais como ponto de paragem para repor energias antes de retomarem as suas viagens e as invernantes que os escolhem para proteção dos invernos rigorosos do Norte da Europa.



3. Valores Naturais da Ria Formosa

Salgadeira

Atriplex halimus

(ING) Shrubby orache

(FR) Halime, Arroche halime

DESCRIÇÃO: Arbusto perene até 2 m, de folhas ovais, de cor verde cinza-prateado e com pequenas flores esverdeadas no verão.

OCORRÊNCIA: Orlas de sapais (sapal alto), taludes de salinas e plataformas de arribas marítimas. Em solos arenosos e salgadiços perto do litoral, por vezes algo perturbados.

FLORAÇÃO: Julho - Outubro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica e Sul de África.

OBSERVAÇÃO: Folhas comestíveis. Por vezes utilizada como ornamental em jardins perto do litoral.

Erva-toira-do-sapal

Cistanche phelypaea

(FR) Cistanque

DESCRIÇÃO: Planta parasita, atinge entre 20-50 cm de altura e possui caule simples. As folhas não realizam a fotossíntese e são pequenas e estreitas, normalmente de cor castanha. A inflorescência (15-35 cm) é densa e cilíndrica, de um amarelo vivo.

OCORRÊNCIA: Em sapais e estuários. Parasita de raízes de *Chenopodiaceae* arbustivas (*Salsola genistoides*, *Atriplex halimus*, *Halimione portulacoides*, *Suaeda vera*, entre outras)

FLORAÇÃO: Março - Junho

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste de Europa, Norte de África, Canárias, Açores, Cabo Verde, Creta, Chipre e sudoeste de Ásia. Oeste e Sul da Península Ibérica.



© Paula Martins

© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Barrilha/Valverde-dos-sapais

Suaeda vera

(ING) Shrubby sea-blite

(FR) Soude vraie, Suéda fruticuleux

DESCRIÇÃO: Planta perene muito ramificada até 1 m de altura. Folhas carnudas, de cor verde, por vezes avermelhadas. Flores solitárias.

OCORRÊNCIA: Sapais, esteiros, taludes de salinas e plataformas nitrificadas de arribas litorais. Em solos salgados.

FLORAÇÃO: Março - Outubro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica, Inglaterra e Macaronésia (Cabo Verde, Canárias e Madeira).

Salicórnia-perene

Arthrocnemum macrostachyum

(ING) Glaucous glasswort

(FR) Salicorne à gros épis

DESCRIÇÃO: Pequeno arbusto muito ramificado a partir da base, que cresce em aglomerados. Os caules verdes são verticais, suculentos e parecem articulados.

OCORRÊNCIA: Matos halófilos em sapais e estuários.

FLORAÇÃO: Março - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Salgado

Limoniastrum monopetalum

(FR) Grand stalice, Limoniastrum monopétale, Limoniastre

DESCRIÇÃO: Arbusto perene até 1,8 m de altura, com muitos ramos. Folhas oblongo-lanceoladas, alternadas e espessas com grãos brancos (depósitos de sal). Flores rosadas ou violeta.

OCORRÊNCIA: Comunidades de matos halófilos em sapal alto, taludes das salinas, raramente em locais pedregosos do litoral.

FLORAÇÃO: Fevereiro - Agosto

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica.

Barrilha-branca

Salsola vermiculata

(ING) Mediterranean saltwort

(FR) Soude vermiculée, Soude jaunatre

DESCRIÇÃO: Subarbusto perene até 1 m de altura.

OCORRÊNCIA: Matos halófilos em sapais, orlas de estuários e arribais litorais. Frequente nas orlas de sapal alto ao longo das zonas de deposição de detritos transportados pelas marés, em locais perto de edificações humanas na faixa costeira e nas arribas litorais, em locais onde haja acumulação de excrementos de aves marinhas.

FLORAÇÃO: Abril - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Região mediterrânea

OBSERVAÇÃO: Das plantas deste género *Salsola*, pode-se extrair soda cáustica para sabão. As *Salsola* produzem frutos cercados numa asa “estranha” branca ou cor-de-rosa.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Gramata-branca

Halimione portulacoides

(ING) Sea purslane

(FR) Obione faux pourpier, Obione pourpier

DESCRIÇÃO: Pequeno arbusto até 75 cm, de folhas verde-acinzentadas.

OCORRÊNCIA: Sapais, esteiros, taludes de salinas e margens de estuários. Em solos salgados periodicamente inundáveis pelas marés.

FLORAÇÃO: Abril - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Zonas costeiras da Região Mediterrânica, do Atlântico Europeu, da América do Norte e África Austral.

Morraça

Spartina maritima

(ING) Small cordgras

(FR) Spartine maritime

DESCRIÇÃO: Planta vivaz com 15-70 cm. A inflorescência tem 2 a 4 espigas lineares, alongadas e direitas, as flores esverdeadas tornam-se amarelas na maturação.

OCORRÊNCIA: Prados temporariamente submersos instalados sobre bancos de vasa em sapais de estuários e rias.

FLORAÇÃO: Julho - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Oeste, Centro, Sudoeste e Sudeste da Europa, Norte e Sul de África e Macaronésia (Açores).



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Lísia Lopes



Salicornia ou Erva-salada

Salicornia ramosissima

(ING) Common glasswort

(FR) Salicorne

DESCRIÇÃO: Planta anual com caules até 40 cm. Inflorescência em espiga.

OCORRÊNCIA: Áreas de sapais e nas arribas temporariamente encharcadas por água salgada ou salobra, bem como nas salinas.

FLORAÇÃO: Maio - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Europa e Noroeste de África.

OBSERVAÇÃO: Planta com elevado teor de sais e rica em proteínas. Característica pelo seu aspeto carnudo e sabor salgado. Conhecida por espargos do mar, sendo utilizada na alimentação. Planta medicinal.

Gramata-perene

Sarcocornia perennis

(ING) Perennial glasswort

(FR) Salicorne vivace

DESCRIÇÃO: Planta perene, ramificada, com 70 cm de altura.

OCORRÊNCIA: Sapal baixo na margem de esteiros e canais, na orla de prados de morraça ou de matos halófilos. Sobre solos salinos e húmidos, que ficam completamente submersos durante a preia-mar.

FLORAÇÃO: Setembro - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica e Oeste da Europa (Irlanda e Inglaterra).



© Carlos Aguiar

Flora dunar

O cordão dunar forma-se quando as areias secas da praia exposta, são mobilizadas e transportadas pelo vento e depositadas mais acima. Aos poucos, a duna ganha altura e forma, seguindo-se a colonização por plantas dunares. À semelhança da vegetação do sapal, estas espécies também se distribuem em diferentes zonamentos. Mais junto à praia temos espécies resistentes ao vento, à salsugem e à escassez de nutrientes, e avançando para o interior, a diversidade aumenta à medida que as condições se tornam menos rigorosas. Assim,

junto à praia, encontramos plantas pioneiras: estorno *Ammophila arenaria*, cordeirinhos-da-praia *Otanthus maritimus*, granza-da-praia *Crucianella maritima*, morganheira-das-praias *Euphorbia paralias*, couve-marinha *Calystegia soldanella*, cardo-marítimo *Eryngium maritimum* e luzerna-das-praias *Medicago marina*. Esta vegetação desempenha um papel fundamental na fixação destas dunas, pois vão reduzir o transporte eólico das areias, promover a sua deposição e permitir a sua fixação através dos seus sistemas radiculares.



3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Estorno

Ammophila arenaria

(ING) Marram

(FR) Oyat, Chiendent marin

DESCRIÇÃO: Planta vivaz, formando tufo a partir do rizoma rastejante, com 50-150 cm de altura e colmos robustos, direitos e sem pelos. As folhas são enroladas e rígidas. A inflorescência em tirso denso e comprido (9-20 cm), verde-claro a amarelado, com espiguetas com uma só flor.

OCORRÊNCIA: Dunas e areais litorais, frequentemente em cristas dunares. Domina a duna primária.

FLORAÇÃO: Março - Junho

DISTRIBUIÇÃO: Oeste e Sudeste da Europa até Turquia e Norte de África (Marrocos).

OBSERVAÇÃO: Planta pioneira na fixação das dunas: o estorno possui grande capacidade de regeneração e crescimento, formando tufo de colmos flexíveis onde, as areias transportadas pelo vento ficam retidas. Além disso, possui também um sistema radicular de rizomas que permitem o crescimento até à superfície, no caso de soterramento.

Morganheira-das-praias

Euphorbia paralias

(ING) Sea spurge

(FR) Euphorbe maritime, Euphorbe des sables

DESCRIÇÃO: Planta vivaz de 20-70 cm de altura, com vários caules, todos da mesma espessura e altura. Folhas carnudas verde-azuladas.

OCORRÊNCIA: Areias marítimas, principalmente na duna primária.

FLORAÇÃO: Março - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Litoral Oeste e Central da Região Mediterrânica, litoral Atlântico do Magreb até Mar do Norte e Macaronésia (Canárias e Madeira).



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Granza-da-praia

Crucianella maritima

(ING) Maritime crosswort

(FR) Crucianelle maritime

DESCRIÇÃO: Planta vivaz, lenhosa na base, caules até 50 cm de altura. Quando em floração liberta um odor característico.

OCORRÊNCIA: Areias litorais, preferentemente em dunas primária e secundária, mais raramente ocorre também em rochas litorais.

FLORAÇÃO: Março - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Região Mediterrânica.

Cordeirinhos-da-praia

Otanthus maritimus

(ING) Cotton weed plant

(FR) Diotis cotonneuse, Diotis maritime, Diotis laineux, Othante maritime, Diotis blanc, Santoline-cyprés

DESCRIÇÃO: Subarbusto perene, lenhoso na base, densamente branco-lanoso, de caules até 50 cm, ascendentes e rizomatosos. As folhas são oblongas, carnudas e sésseis. As flores são amarelas e tubulosas.

OCORRÊNCIA: Areias marítimas de todo o litoral, principalmente em dunas primárias.

FLORAÇÃO: Março - Outubro

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Europa e Região Mediterrânica.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Couve-marinha

Calystegia soldanella

(ING) Sea bindweed

(FR) Liseron des dunes

DESCRIÇÃO: Planta vivaz até 50 cm. As folhas são mais ou menos carnudas. As flores são axilares, solitárias, pedunculadas. A corola em campânula tem 5 lóbulos, tom rosa ou vermelho.

OCORRÊNCIA: Praias e dunas costeiras, em solos arenosos algo húmidos, preferencialmente na duna primária.

FLORAÇÃO: Março - Junho

DISTRIBUIÇÃO: Litoral do Sul e Oeste da Europa desde a Escócia até à Dinamarca.

Cardo-marítimo

Eryngium maritimum

(ING) Sea holly

(FR) Panicaut de mer, Chardon des dunes, Chardon bleu, Panicaut des dunes

DESCRIÇÃO: Planta vivaz, herbácea e robusta. Caules de até 15-60 cm, com tonalidade branca ou cinzento-azulada. Folhas desprovidas de pelos, firmes e ligeiramente espessas, com espinhos.

OCORRÊNCIA: Sistemas dunares, onde surge na duna primária, podendo estender-se um pouco para o interior.

FLORAÇÃO: Maio - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Grande parte da Europa até ao Cáucaso, Ásia e Norte de África.

OBSERVAÇÃO: Planta medicinal.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Luzerna-das-praias

Medicago marina

(ING) Sea medick

(FR) Luzerne marine, Luzerne maritime

DESCRIÇÃO: Planta herbácea, perene, com uma tonalidade esbranquiçada, devido ao facto de as suas folhas e caules estarem cobertos de uma densa camada de pelos entrelaçados, que lembram o algodão. Rizoma rastejante de onde partem numerosos ramos prostrados e lenhosos na base. Flores com a corola amarela. O fruto é uma vagem.

OCORRÊNCIA: Dunas e areias marítimas.

FLORAÇÃO: Março - Agosto

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica, costas do Mar Negro e Macaronésia (Canárias).

Narciso-das-areias

Pancratium maritimum

(ING) Sea daffodil

(FR) Lys de mer, Lis maritime, Lis des sables

DESCRIÇÃO: Planta vivaz herbácea, com altura até 50 cm, bolbosa e de cor cinzento-azulada. As flores são brancas e aromáticas, reunidas numa umbela com 3-9 flores. O fruto é uma pseudo-cápsula, com numerosas sementes negras, grandes e angulosas, mas muito leves, o que permite a sua dispersão por ação do vento.

OCORRÊNCIA: Dunas e areais costeiros, geralmente na duna primária e nos vales entre-dunares.

FLORAÇÃO: Maio - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Litoral Este da América do Norte e da Europa desde França até à Bulgária, Norte de África e Oeste da Ásia.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Leituguinha-das-praias

Reichardia gaditana

DESCRIÇÃO: Planta herbácea, bienal ou vivaz, que pode atingir até 45 cm. Caule ereto, simples, ou ramificado, de cor verde azulada. Folhas com bordos dentados espinhosos. Flores amarelas e sementes com penachos pelosos para dispersão pelo vento.

OCORRÊNCIA: Dunas litorais, em clareiras na duna secundária e zona entre-dunar, por vezes sub coberto de pinhais abertos.

FLORAÇÃO: Fevereiro - Junho

DISTRIBUIÇÃO: Península Ibérica e Norte de África (Argélia e Marrocos).

Tomilho-das-praias

Thymus carnosus

DESCRIÇÃO: Sub-arbusto lenhoso de até 13-30 cm, com amplo sistema radicular (até 1m). Caules eretos ascendentes, com indumento denso de pelos brancos. Folhas ovadas a elípticas. Inflorescências em forma de capítulos, solitários, terminais, com a corola esbranquiçada.

OCORRÊNCIA: Sistemas dunares, onde surge na duna primária, podendo estender-se um pouco para o interior.

FLORAÇÃO: Março - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste da Península Ibérica.

OBSERVAÇÃO: Endemismo exclusivo do Sudoeste da Península Ibérica (Algarve e Andaluzia). Ocorre em areias litorais, principalmente na entre duna e duna secundária, por vezes sob coberto de pinhais.



© Paula Martins

ESTATUTO DE PROTEÇÃO: Anexo IV da Diretiva Habitats, Anexo II da Diretiva Habitats.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Feno-das-areias

Elymus farctus

(ING) Sand couch-grass

(FR) Chiendent à feuilles de Jonc

DESCRIÇÃO: Planta vivaz, rizomatosa com caules finos, rígidos e sem pelos, até 60cm de altura. Inflorescência é uma espiga com espiguetas solitárias.

OCORRÊNCIA: Ambientes dunares litorais, na duna embrionária, duna primária e arribas litorais.

FLORAÇÃO: Março - Agosto

DISTRIBUIÇÃO: Costas dos mares Báltico e do Norte e do oceano Atlântico, desde Portugal até à Escócia e Escandinávia.

Eruca-marítima

Cakile maritima

(ING) European searocket

(FR) Cakilier, Roquette de mer

DESCRIÇÃO: Planta anual e carnuda, entre 15 a 60 cm de altura. As flores apresentam-se em cacho, corola de 4 pétalas, brancas a lilás.

OCORRÊNCIA: Praias, fundamentalmente em duna embrionária e zonas de acumulação de detritos arrastados pelas marés. Em locais abertos e alterados, bermas de caminhos.

FLORAÇÃO: Janeiro - Dezembro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica e Norte de África (Marrocos).



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Ansarina-da-praia

Linaria polygalifolia lamarckii
(FR) Linaire à feuilles de polygale

DESCRIÇÃO: Planta perene, herbácea com ramos simples ou ramificados, prostrada ou ascendente, com 6 a 60cm. Flores amarelas. O fruto é uma cápsula.

OCORRÊNCIA: Dunas e areias litorais, duna primária e entre-duna.

FLORAÇÃO: Março - Julho

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste da Península Ibérica.

OBSERVAÇÃO: Espécie endémica da Península Ibérica.

Trevo-de-creta

Lotus creticus
(ING) Cretan bird's-foot-trefoil
(FR) Lotier de Crète

DESCRIÇÃO: Planta vivaz, herbácea, prostrada ou ascendente, com 30-50 cm de comprimento, coberta de pelos densos e brilhantes, que lhe confere um aspeto acetinado. Flores amarelas. O fruto é uma vagem cilíndrica.

OCORRÊNCIA: Frequentemente na duna primária, mas também em duna cinzenta, em esporões rochosos e por vezes sob coberto de pinhais abertos. Em solos arenosos. Charcos temporários e margens de rios, sujeitas a inundações periódicas e em substratos argilosos.

FLORAÇÃO: Março - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica e Macarónia (Açores e Canárias).



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Cravo-das-areias

Armeria pungens

(ING) Sea rose

(FR) Arméria piquante, Armérie piquante

DESCRIÇÃO: Subarbusto até 50 cm de altura, com toça lenhosa ramificada. Folhas basilares, simples, rígidas e arqueado-recurvadas para fora. Flores fasciculadas em capítulo denso involucrado. Corola afunilada com cinco pétalas, rosada.

OCORRÊNCIA: Dunas e areias litorais (duna primária e secundária), menos frequentemente sob coberto de pinhais e em arribas litorais.

FLORAÇÃO: Março - Maio

DISTRIBUIÇÃO: Península Ibérica, Córsega e Sardenha.

Perpétua-das-areias

Helichrysum italicum

(ING) Curry-plant

(FR) Immortelle d'Italie, Éternelle jaune

DESCRIÇÃO: Subarbusto aromático (com característico cheiro a caril na fase de floração), de 10-35 cm de altura. Caules angulosos. Folhas inteiras, estreitamente lineares, esverdeadas. Inflorescências são capítulos, reunidos num corimbo muito composto e denso. Flores amarelas e tubulosas.

OCORRÊNCIA: Matos baixos em dunas em processo de estabilização ou paleodunas, também sob coberto de pinhais. Em solos arenosos, perto do litoral.

FLORAÇÃO: Maio - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Sul Europa.



© Paula Martins

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paula Martins



Erva-prata

Paronychia argentea

(ING) Algerian tea

(FR) Paronyque argentée

DESCRIÇÃO: Planta herbácea, de caules com 5-40cm, muito ramificada e prostrada. Flores prateadas.

OCORRÊNCIA: Prados secos, clareiras de matos xerófilos, incultos, veredas e bermas de caminhos. Em solos secos, arenosos ou pedregosos. Dunas.

FLORAÇÃO: Junho - Setembro

DISTRIBUIÇÃO: Região Mediterrânica e Macarónia.

OBSERVAÇÃO: Planta aromática e medicinal

Goivinho-da-praia

Malcolmia littorea

(FR) Julienne des sables; Malcolmie des côtes

DESCRIÇÃO: Planta perene até 40cm. Na floração, os caules alongam-se horizontalmente e as flores aparecem nas extremidades destes. Flores rosada ou violeta.

OCORRÊNCIA: Terrenos arenosos, areias litorais, principalmente em duna primária e secundária.

FLORAÇÃO: Fevereiro - Novembro

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Região Mediterrânica.



© Paula Martins

Avifauna

No PNRF existem vários habitats para explorar para observação de aves: lagoas de água doce, salinas, zonas a descoberto na maré-baixa ao longo da Ria, sapal e dunas.” por “O PNRF é a zona húmida mais importante para as aves, no Algarve, onde muitas espécies de aves aquáticas migratórias do norte da Europa passam aqui o inverno ou usam a ria como

escala rumo a sul. É extremamente importante para diversas espécies reprodutoras, que aqui encontram o seu principal (ou mesmo único!) local de nidificação na região. São vários os habitats da Ria Formosa (RF) onde se podem observar aves: lagoas de água doce, salinas, zonas a descoberto na maré-baixa ao longo da Ria, sapal e dunas.



© Henri Sastre



Garça-branca-pequena

Egretta garzetta

(ING) Little egret

(FR) Aigrette garzette

FENOLOGIA

Residente. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Bico e pernas pretos, pés amarelos. Na época de reprodução apresenta um penacho na cabeça – as “aigrettes”. Na RF existe a única colónia que nidifica em sapal desta espécie.

Garça-branca-grande

Ardea alba

(ING) Great egret

(FR) Grande aigrette

FENOLOGIA

Ocasional, o número de observações tem aumentado nos últimos anos. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Quase do tamanho da garça-real, plumagem branca com forte bico amarelo.



© Ferran Pestuña

Garça-boieira

Bubulcus ibis

(ING) Cattle egret

(FR) Héron garde-boeufs

FENOLOGIA

Residente. Observável na laguna, dunas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Menos “elegante” que a garça-branca-pequena, com patas e bico amarelos. Na época de reprodução apresenta um penacho e mancha no peito alaranjada. Na RF existe a única colónia que nidifica em sapal desta espécie.

© Henri Sastre



3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Henri Sastre



Garça-real

Ardea cinerea
(ING) Grey heron
(FR) Héron cendré

FENOLOGIA

Residente, mais comum no Inverno. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

É a maior garça que ocorre em Portugal, com plumagem cinzenta e um pescoço longo. Voa com o pescoço recolhido.

Cegonha-branca

Ciconia ciconia
(ING) White stork
(FR) Cigogne blanche

FENOLOGIA

Migradora e nidificante estival. Parte da população é residente. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Espécie muito conhecida e de fácil identificação. Corpo e asas branco com a ponta das asas preta, bico e patas vermelhas. Voa com o pescoço esticado.



© Henri Sastre

Colhereiro

Platalea leucorodia
(ING) Eurasian spoonbill
(FR) Spatule blanche

FENOLOGIA

Migrador e nidificante estival. Reforço da população no Inverno. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave toda branca com um inconfundível bico em forma de espátula. Voa com o pescoço esticado.

© Frans Vandewalle



3. Valores Naturais da Ria Formosa



© Derek Keats

Flamingo

Phoenicopterus roseus
(ING) Greater flamingo
(FR) Flamant rose

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Observado durante todo o ano. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Inconfundível. Longas pernas e bico cor-de-rosa, com plumagem com tonalidades de rosa. Os imaturos são castanho-acinzentados.

Ostraceiro

Haematopus ostralegus
(ING) Eurasian oystercatcher
(FR) Huitrier pie

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Observável na laguna.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Facilmente identificável pelo grande bico laranja. Cabeça e parte superior do corpo preta e parte inferior branca.



© Henri Sastre

Borrelho-grande-de-coleira

Charadrius hiaticula
(ING) Ringed plover
(FR) Grand gravelot

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Maior do que o borrelho-de-coleira-interrompida e com plumagem castanho mais escura. No inverno a coleira é menos visível, apresenta patas alaranjadas. Em plumagem nupcial a coleira é completa e o bico tem a base laranja.



© Henri Sastre

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Henri Sastre



Borrelho-de-coleira-interrompida

Charadrius alexandrinus

(ING) Kentish plover

(FR) Gravelot à collier interrompu, Gravelot de Kent

FENOLOGIA

Invernante, migrador de passagem e reprodutor. Observável nas dunas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequena limícola. Acastanhada na parte superior do corpo e branca por baixo, bico preto. Com uma coleira interrompida na parte da frente do pescoço. Frequentemente observada em zonas de praia, realizando curtas “corridas”.

Tarambola-cinzenta

Pluvialis squatarola

(ING) Grey plover, Black-bellied plover

(FR) Pluvier argenté

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Limícola de porte médio, com pernas compridas escuras, bico curto e forte, de plumagem acinzentada. De inverno tem um padrão sarapintado castanho-amarelado na parte superior, peito sarapintado mais fino e parte inferior esbranquiçada.

© Henri Sastre



© Zeynel Cebeci

Pilrito-comum

Calidris alpina

(ING) Dunlin

(FR) Bécasseau variable

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequena limícola, das mais abundantes durante o inverno. Plumagem acastanhada e com bico comprido e ligeiramente recurvado. Em plumagem nupcial apresenta mancha preta no ventre.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Derek Keats

**Pilrito-das-praias**

Calidris alba
(ING) Sanderling
(FR) Bécasseau sanderling

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Do tamanho do pilrito-comum, mas muito mais claro e com plumagem acinzentada.

Seixoeira

Calidris canutus
(ING) Red knot
(FR) Bécasseau maubèche

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Observável na laguna e salinas. Pouco frequente.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Maior e mais rechonchuda que o pilrito-comum. Pernas curtas acinzentadas, bico curto e escuro. Plumagem acinzentada, parte inferior mais clara.

© Frank Vassen

**Milherango**

Limosa limosa
(ING) Black-tailed godwit
(FR) Barge à queue noire

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Limícola de tamanho médio, de plumagem acastanhada mais lisa e bico comprido direito. Apresenta uma barra preta na cauda.

© John Harrison

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© John Harrison

**Fuselo**

Limosa lapponica
(ING) Bar-tailed godwit
(FR) Barge rousse

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Muito semelhante ao milherango mas com a plumagem mais “riscada”, barra listada na cauda. O bico é mais fino e ligeiramente encurvado para cima.

Maçarico-real

Numenius arquata
(ING) Eurasian curlew
(FR) Courlis cendré

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.
Observável na laguna.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Limícola de tamanho grande, facilmente reconhecível pelo seu grande bico encurvado para baixo. Plumagem acastanhada e barrada, nenhuma marca distintiva.

© Bengt Nyman



© Martha de Jong-Lantink

Maçarico-galego

Numenius phaeopus
(ING) Whimbrel
(FR) Courlis corlieu

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.
Observável na laguna.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Mais pequeno que o maçarico-real, mas similar em aspeto. Apresenta, no entanto, na cabeça duas grandes listas escuras que o outro maçarico não tem.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Henri Sastre



Perna-vermelha-comum

Tringa totanus
(ING) Common redshank
(FR) Chevalier gambette

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Alguns indivíduos permanecem todo o ano. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Limícola de tamanho médio, com patas e bico vermelho. No inverno a plumagem é mais acinzentada e lisa, abdómen mais claro. Espécie com vocalização muito característica.

Rola-do-mar

Arenaria interpres
(ING) Ruddy turnstone
(FR) Tournepieire à collier, Pluvier des salines

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Alguns indivíduos observáveis todo o ano. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Limícola média, rechonchuda, com patas curtas alaranjadas e bico escuro. Plumagem no dorso malhada, com babete escuro. No verão apresenta plumagem castanho-alaranjado e babete preto.

© Andreas Trepte



Alfaiate

Recurvirostra avosetta
(ING) Pied avocet
(FR) Avocette élégante

FENOLOGIA

Residente e invernante. Observável nas salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

De fácil identificação, plumagem branca e preta, com bico preto curvado para cima. Modo característico de alimentação: “varrendo” de um lado para outro a superfície da água, como se estivesse a costurar.

© Henri Sastre

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Giuseppe Calamiglia



Alcaravão

Burhinus oediconemus
(ING) Stone curlew
(FR) Oediconème criard

FENOLOGIA

Residente. População invernante. Observável nas dunas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave de difícil observação. Maior que a tarambola, de plumagem acastanhada com característico olho amarelo. Bico amarelo com ponta escura. Chamamento assobiado ouvido à noite.

Perdiz-do-mar

Glareola pratincola
(ING) Collared pratincole
(FR) Glaréole à collier

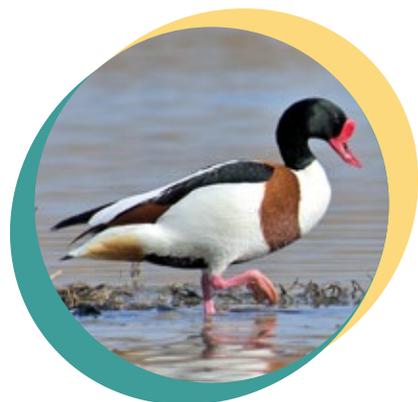
FENOLOGIA

Nidificante estival. Observável nas dunas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pouco comum. Ave elegante de asas longas e cauda bifurcada. Padrão castanho na parte superior, uropígio branco e barriga. Tem a garganta amarela rodeada por lista preta.

© Artemio Tema



Pato-branco

Tadorna tadorna
(ING) Common shelduck
(FR) Tadorne de Belon

FENOLOGIA

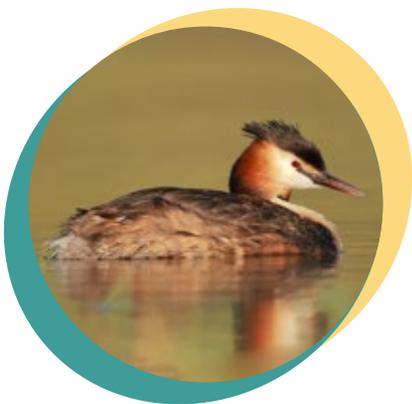
Residente e invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pato grande, parecido com um ganso. Facilmente identificável pelo seu tamanho e branco da plumagem. Cabeça verde escura, quase preta e bico vermelho, com uma banda castanha no peito.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Agustín Povedano



Mergulhão-de-crista

Podiceps cristatus
(ING) Great crested grebe
(FR) Grèbe huppé

FENOLOGIA

Residente. Observável nos lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Semelhante a um pato, mas mais elegante. Corpo longo baixo com um pescoço esguio. É a maior espécie de mergulhão em Portugal. Durante a nidificação, expõe uma crista na cabeça, com vistosas bochechas arruivadas e penachos pretos, muitas vezes mantidos em baixo, junto à cabeça.

Cagarraz

Podiceps nigricollis
(ING) Black-necked grebe
(FR) Grèbe à cou noir

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequeno mergulhão, de plumagem no dorso escura e partes inferiores brancas. Tem bochechas brancas e olho vermelho. Em época de reprodução apresenta plumagem mais viva, com cabeça e pescoço preto com um leque de penas amareladas nas faces.



© Frank Schultenburg

© xulescu.g



Corvo-marinho-de-faces-brancas

Phalacrocorax carbo
(ING) Great cormorant
(FR) Grand cormoran

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave de grande porte de plumagem preta, com pescoço e asas longas. Apresenta bico amarelo. Apresenta bico e bochechas amarelos e as faces brancas. É costume vê-los poisados de asas abertas.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Paco Gómez



Águia-sapeira

Circus aeruginosus
(ING) Eurasian marsh harrier
(FR) Busard des roseaux

FENOLOGIA

Residente. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave de rapina com asas compridas. Ambos os sexos apresentam ombros e nuca castanho-claro. O macho tem as asas acinzentadas com a ponta escura, assim como a cauda, enquanto a fêmea apresenta um padrão castanho-escuro com cauda mais avermelhada.

Águia-pesqueira

Pandion haliaetus
(ING) Osprey
(FR) Balbuzard pêcheur

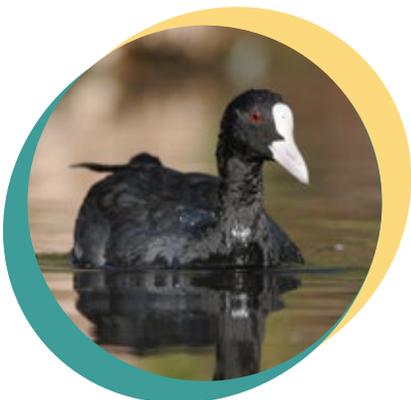
FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave de rapina com plumagem característica branca e preta. Apresenta na face uma máscara preta inconfundível.

© Henri Saastre



Galeirão

Fulica atra
(ING) Common coot
(FR) Foulque macroule

FENOLOGIA

Residente e invernante. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Semelhante a um pequeno pato, de plumagem preta com bico e placa frontal branca.

© Yathin Krishnappa

© Patrick Kavanagh



Garajau-grande

Hydroprogne caspia
(ING) Caspian tern
(FR) Sterne caspienne

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.
Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Grande andorinha-do-mar, com um impressionante bico vermelho. Corpo cinzento-claro com ponta das asas escuras e barrete preto. Chamamento muito característico.

Garajau-de-bico-preto

Thalasseus sandvicensis
(ING) Sandwich tern
(FR) Sterne caugek

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.
Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Menor que o garajau-grande. Plumagem cinzenta mais clara e corpo branco, bico preto com extremidade amarela, patas curtas e escuras. Apresenta um barrete preto com uma pequena pousa na época de reprodução e no inverno apresenta uma testa mais esbranquiçada.

© Henri Saстре



© Henri Saстре

Chilreta

Sternula albifrons
(ING) Little tern
(FR) Sterne naine

FENOLOGIA

Nidificante estival. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

É a mais pequena das andorinhas-do-mar, com plumagem acinzentada muito clara, cabeça com barrete e máscara facial preta e testa branca, o bico amarelo com a ponta preta. Vocalização característica. O PNRF é a principal área de nidificação desta espécie.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Muchaxo



Gaivota-de-audouin

Larus audouinii
(ING) Audouin's gull
(FR) Goéland d'Audouin

FENOLOGIA

Nidificante estival. Alguns indivíduos permanecem todo o ano. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequena gaivota com plumagem cinzenta clara, com característico bico vermelho com risca preta e patas cinzento-esverdeadas. Tem na Ria Formosa a única colónia de reprodução em Portugal.

Gaivota-de-patas-amarelas

Larus michahellis
(ING) Yellow-legged gull
(FR) Goéland leucophée

FENOLOGIA

Residente. Observável na laguna, lagoas/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Gaivota grande com dorso cinzento-claro, asas com pontas preta e “pérolas” brancas. Possui cabeça e peito brancos, patas e bico amarelo, este com uma pinta vermelha.

© Nuno Oliveira



© Tânia Nascimento

Gaivota-d'asa-escura

Larus fuscus
(ING) Lesser black-backed gull
(FR) Goéland brun

FENOLOGIA

Invernante, alguns indivíduos permanecem todo o ano (pequena população nidificante). Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Muito semelhante à gaivota-de-patas-amarelas. Difere no dorso cinzento-ardósia.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Gail Hampshire

**Guincho-comum**

Larus ridibundus
(ING) Black-headed gull
(FR) Mouette rieuse

FENOLOGIA

Invernante. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequena gaivota com dorso cinzento claro, pontas das asas pretas, bico e patas vermelhas. Na primavera apresenta um capuz castanho-chocolate.

Gaivota-de-cabeça-preta

Larus melanocephalus
(ING) Mediterranean gull
(FR) Mouette mélanocéphale

FENOLOGIA

Invernante. Alguns indivíduos permanecem todo o ano. Observável na laguna, lagos/lagoas e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Semelhante ao guincho-comum. Pequena gaivota com dorso cinzento claro, com a ponta das asas brancas. Bico e patas vermelhas. Na primavera apresenta capuz preto.



© Pedro Geraldes

© Nik Borrow

**Gaivota-de-bico-fino**

Larus genei
(ING) Slender-billed gull
(FR) Goéland railleur

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem. Observável na laguna e salinas.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Gaivota pequena, tamanho similar ao guincho-comum, mas com pescoço mais longo e bico comprido. Distingue-se das restantes gaivotas por não apresentar capuz. Na primavera, apresenta peito com tonalidade rosa.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Stephan Sprinz



Estas espécies ocorrem quase exclusivamente no meio marinho, sendo de mais difícil observação e identificação.

Negrola

Melanitta nigra
(ING) Common scoterl
(FR) Macreuse noire

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Os machos são pretos, com bico amarelado e uma protuberância na base. As fêmeas apresentam uma tonalidade mais castanha, com faces esbranquiçadas.

Alma-de-mestre

Hydrobates pelagicus
(ING) European storm-petrel
(FR) Pétrel tempête, Océanite tempête

FENOLOGIA

Migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pequeno painho, apresenta uma mancha branca na parte inferior das asas e na zona do uropígio.



© Richard Crossley

© Nuno Oliveira



Pardela-preta

Ardenna grisea
(ING) Sooty shearwaterl
(FR) Puffin fuligineux

FENOLOGIA

Migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Apresenta um padrão uniforme castanho-escuro, com manchas brancas largas na parte inferior das asas.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Cotinis



Pardela-de-barrete

Ardenna gravis
(ING) Great shearwater
(FR) Puffin majeur

FENOLOGIA

Migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pardela de tamanho médio-grande, com característico barrete preto e collar branco. Parte inferior de tonalidade mais clara, e bico escuro e fino.

Cagarra

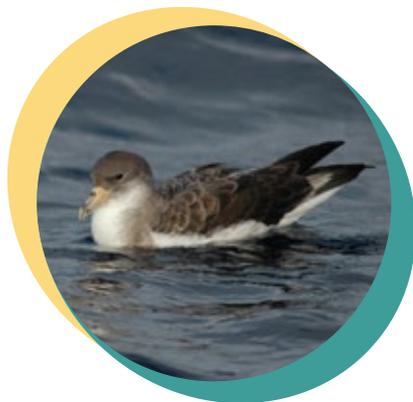
Calonectris borealis
(ING) Cory's shearwater
(FR) Puffin cendré

FENOLOGIA

Estival (nidifica nas Berlengas).

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

É a maior pardela do Atlântico e a mais comum da costa portuguesa. Parte superior cinzento-acastanhada e parte inferior esbranquiçada. O bico é amarelo e em forma de anzol.



© Pedro Geraldes

© Muchaxo



Pardela-balear

Puffinus mauretanicus
(ING) Balearic shearwater
(FR) Puffin des Baléares

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Pardela pequena de tonalidade castanho-escura, com dorso castanho-acinzentado, ventre branco sujo e aspecto “barrigudo”. Cauda curta torna os pés ligeiramente salientes em voo. É a ave marinha mais ameaçada da Europa.

3. Valores Naturais da Ria Formosa

© Stephan Sprinz

**Alcatraz**

Morus bassanus
(ING) Northern gannet
(FR) Fou de Bassan

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem, sendo possível de observar durante todo o ano..

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

É a maior ave marinha da nossa costa. Com uma silhueta inconfundível: asas longas e estreitas, com bico comprido e pontiagudo.

Alcaide

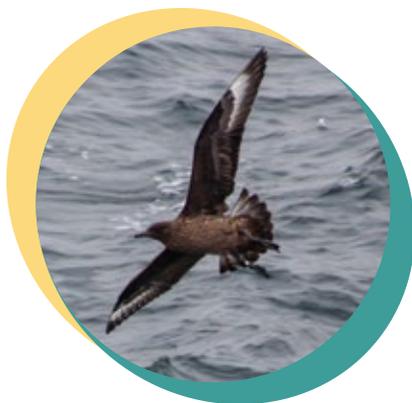
Catharacta skua
(ING) Great skua
(FR) Grand labbe

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave grande e robusta, com cabeça e bico forte, e cauda curta.



© Rita Matos

Papagaio-do-mar

Fratercula arctica
(ING) Atlantic puffin
(FR) Macareux moine

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Distingue-se pelo bico triangular enorme e colorido, com tons de amarelo e vermelho. Mancha pálida acinzentada nas faces, parte superior do corpo e pescoço preto e parte inferior branca.

© Helder Costa



© Chris Stenger



Torda-mergulheira

Alca torda

(ING) Razorbill

(FR) Petit pingouin, Pingouin torda

FENOLOGIA

Invernante e migrador de passagem.

DICA DE IDENTIFICAÇÃO

Ave de tamanho médio com plumagem preta na parte superior e branca na inferior, com bico preto com listas brancas achatado lateralmente.

O projeto LIFE Ilhas Barreira

O Projeto LIFE Ilhas Barreira (LIFE18 NAT/PT/000927) visa a conservação das Ilhas Barreira no Algarve, para proteger espécies e habitats prioritários. Os seus principais objetivos incluem a avaliação da resiliência destas ilhas às alterações climáticas, o estudo das populações de gaivota-de-audouin e de chilreta, e ainda o estudo do impacto da pesca na ameaçada pardela-balear.

Para saber mais sobre este projeto, visite o website
www.lifeilhasbarreira.pt

LIFE ilhas barreira

COFINANCIAMENTO



COORDENAÇÃO



APOIO FINANCEIRO



PARCEIROS



www.lifeilhasbarreira.pt

(LIFE18/NAT/PT/000927)